

Um olhar sobre o Rio

Nuno Vasconcellos



Coluna publicada aos
DOMINGOS

umolharsobreorio@odia.com.br

odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/
um-olhar-sobre-o-rio

POR CONTA DA PANDEMIA

ESFRIANDO OS TAMBORINS

O brasileiro de um modo geral e o carioca em particular se habituaram ao longo de décadas a “esquentar os tamborins” no mês de janeiro. A expressão, para quem gosta do Carnaval, se refere às semanas que antecedem a folia, quando é hora de começar a preparar o corpo, o espírito e o bolso para os quatro dias de agitação. Para a grande maioria das pessoas, isso é sinônimo de alegria, de descontração e de gastos mais generosos. Para alguns setores da Economia, é um momento de trabalho intenso e é justamente aí que está o problema.

Vivendo uma fase de vacas magérrimas, o Rio de Janeiro não pode se dar ao luxo de abrir mão da receita gerada por um evento da magnitude do Carnaval. De acordo com a Confederação Nacional do Comércio (CNC), das receitas de R\$ 8 bilhões geradas pelo Carnaval do ano passado em todo o país, mais de R\$ 2,3 bilhões ficaram no Rio. A rede hoteleira local beirou 100% de ocupação durante a semana da festa — o que, naturalmente significa pleno emprego no setor. O mesmo vale para os restaurantes e os bares da cidade. E mais: cerca de 10 mil pessoas se credenciaram como vendedores ambulantes para a festa do ano passado. A situação da pandemia, no entanto, mostra que, ao invés de esquentar, é hora de esfriar os tamborins. Por mais que esse dinheiro faça diferença (e faz), é preciso também pensar na saúde da população. Resta saber se é possível zelar pela vida das pessoas e preservar, senão toda, pelo menos parte da renda que o Rei Momo traz para o Rio nos dias de folia.

CRIANÇAS SEM MÁSCARA

A questão é delicada e deve ser mantida, na medida do possível,

distante das paixões. Os ânimos estão exaltados e basta que alguém defenda a flexibilização dos mecanismos de controle da pandemia para logo ser tratado como um inimigo da Saúde pública. Na semana passada, por exemplo, o secretário da Saúde do Rio, Daniel Soranz, defendeu, com razão, a dispensa do uso de máscaras por alguns grupos — entre os quais, as crianças de até cinco anos. Isso bastou para Soranz — que tem adotado medidas eficazes para controle e tratamento da covid-19 — passar a ser acusado de negligenciar os cuidados com a doença. Em tempo: na Europa, mesmo em países que adotaram medidas rigorosas para controle do vírus, crianças de até dez anos estão dispensadas do uso da máscara... O xis da questão é: se uma proposta simples e defensável como a de Soranz já causou uma discussão acalorada, é possível esperar, para o caso do Carnaval, um debate mais inflamado ainda. Mesmo assim, e diante do peso da festa para a Economia da cidade, ele não pode ser evitado.

IMUNIDADE

Da mesma forma que não podem se dar ao luxo de abrir mão da receita gerada pelo Carnaval, a cidade e o estado também não devem por em



risco a saúde da população. Pelo calendário do momento, os eventos oficiais de fevereiro foram cancelados e os desfiles das escolas de samba na Marquês de Sapucaí, adiados para os dias 11 e 12 de julho. Isso, porém, não basta. A taxa de contaminação no Rio voltou a crescer nas últimas semanas e qualquer descuido agora pode significar a contaminação pelo coronavírus justo no momento em que a vacina está chegando. Mesmo que corra tudo bem e a campanha de vacinação seja um sucesso, ninguém pode prever com certeza a data para em que se alcançará um nível de imunidade que permita a volta à normalidade. Diante dessa incerteza, algumas pessoas envolvidas com o Carnaval defendem que, ao invés de adiar os desfiles, o mais seguro seria simplesmente não fazer a festa este ano. É justamente esse o problema. Assim como não é razoável simplesmente defender que um evento das dimensões do Carnaval seja cancelado — devido ao prejuízo que isso pode causar à Economia e à Cultura

cariocas — é preciso admitir que julho está logo aí. E nada indica que, até lá, teremos as condições seguras para a realização do Carnaval, que se caracteriza por aglomerações, pela proximidade entre as pessoas e por momentos de descontração que não combinam com os cuidados sanitários recomendáveis numa hora como esta.

A VEZ DA CIÊNCIA

É possível fazer algo para garantir que a festa aconteça sem que isso leve ao aumento da taxa de contaminação? A tentação inicial é responder que não: seria uma temeridade. O bom senso, no entanto, diz que, se as condições não existem, é possível criá-las. O primeiro cuidado a ser tomado, claro, é a intensificação da vacinação. Todos os esforços, a partir de agora, devem ser concentrados na direção de uma campanha ampla e sem atropelos. Outro cuidado a ser tomado é a testagem em massa da população — providência que, no caso específico do Rio, passou a ser tratada como prioridade desde

a chegada de Eduardo Paes à prefeitura, no último dia 1º. Se os seis meses que nos separam da data marcada para a festa não bastam para se conseguir a imunização geral da população, eles são mais do que suficientes para se elaborar um esquema de testagem que garanta um Carnaval seguro para o maior número de pessoas. Isso é possível? Com as informações de momento, a resposta é não. Na semana passada, por exemplo, Paes acertou ao recuar de uma decisão que permitiria a volta de público aos estádios de futebol. A justificativa foi justamente a dificuldade para se fiscalizar o cumprimento das regras de distanciamento recomendadas para essa situação. A cada dia que passa, porém, surgem novas modalidades de testes que fornecem resultados muito mais rápidos e confiáveis.

“Em fase de vacas magérrimas, Rio não pode abrir mão da receita do Carnaval”

Com base neles será possível elaborar um esquema que, por exemplo, só permita o acesso ao Sambódromo a quem apresentar o resultado de exames feitos, no máximo, 48 horas antes. Desde o início da pandemia, vem sendo disseminada a noção de que os cuidados com o coronavírus exigem a paralisação de toda e qualquer atividade econômica. Chegou a hora de cobrarmos das autoridades e da ciência a criação de um ambiente seguro para os que já estão na cidade e os que virão para a festa.

(Siga os comentários de Nuno Vasconcellos no twitter e no instagram: @nuno_vccls)

OPINIÃO

Um céu para Anna



Gabriel Chalita
professor e escritor

Er am os dias finais do ano que já se findou quando recebi a notícia. Nesse dia, estava de folga, ajeitando a vida, que deixo de lado, quando estou no hospital. Sou enfermeira e, no cuidar, descobri o meu lugar no mundo. E foi assim que conheci Anna Maria Martins, a escritora. O primeiro dizer daquela bela mulher de 96 anos foi, “Minha querida, estou sendo muito bem tratada aqui, agradeço a amabilidade de todos, mas, infelizmente, vou ter que ir embora, compreende?”. A filha sorria com o dizer da mãe. As palavras, companheiras de

toda uma vida, não aconteciam sem cerimônias. Eram pensadas antes de ganharem vida. Acho linda a vida de um escritor e quis saber mais. Um pouco ela mesma me disse, feliz com minha curiosidade. Outro tanto fui pesquisando e me encantando com aquela mulher. O marido era, também, escritor. E, também, a filha. Ela gostava de dirigir a vida, inclusive. Mas me contou que, aos 90, ainda ia interior afora visitar parentes. E gostava da liberdade. E ria dizendo que, vez ou outra, extrapolava os limites da velocidade, “Que minha filha não me ouça!”, soletrava brincadeiras. Os livros tomavam horas de seus dias. Era ciosa na arte de traduzir, engenhosa na arte de inventar personagens ou de relatar acontecimentos. Os seus pares a tinham como a dama da elegância ou da delicadeza ou da gene-

rosidade. Meu Deus, por que demorei tanto para conhecer essa mulher? Já disse que gosto do cuidar, e esse é o meu manifesto de que não desisti da humanidade. Mas me pego absorvida de horror *“Já disse que gosto do cuidar, e esse é o meu manifesto de que não desisti da humanidade”* quando vejo as violências. Há mulheres que chegam ao hospital rabiscadas de um escrito covarde que agride partes do corpo e que diminui a alma. A alma, vocacionada para as grandezas. Brigas tolas que geram ferimentos,

por homens armados de ódio. No trânsito. Na vizinhança. No bar. Há outras provas da violência onde trabalho. Os abandonados. Os que melhorariam mais rapidamente se tivessem o amor dos seus. Essas imagens sempre me visitaram. E me entristeceram. E, jamais, me desanimaram. Meu ânimo hoje é outro. A tristeza da despedida de Anna e a certeza de que o que ela falou era mais profundo do que ir para casa. “Agradeço a amabilidade de todos, mas, infelizmente, vou ter que ir embora”. Ela foi embora. Infelizmente, ela foi embora. Embora tenha ido feliz. Não que a vida não a tivesse ferido, mas tinha ela, na gentileza, o poder cicatrizante dos dias. Quem a conheceu, há mais tempo, dizia que os dias ao lado dela eram mais leves. Que ela plantou delicadezas em todos os palcos

em que representou com mestria o viver pela palavra. “Sou uma escritora”, dizia ela, “Sou da literatura, sou das histórias bem contadas, dos laços que unem vidas e que proporcionam felicidades”. Decidi que vou ler mais em gratidão aos poucos dias em que pude ouvir a sonoridade da sua voz dizendo belezas. Fico imaginando como deve ser um céu para Anna. Terá ela um clube de leituras para explicar o amor, a amizade, a bondade? Terá ela outros escritores para inspirar os dias? Terá ela alguma enfermeira como eu para acariciar a alma cuidando e sendo cuidada? Sou uma mulher de fé. E isso me basta para dizer que não sei como é a vida depois que a vida se despede. Só sei que não pode ser ruim para quem foi bom. Anna, ainda nos encontraremos...

O DIA DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888 ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

EDITOR-CHEFE
Aloy Juplira

EDITOR-EXECUTIVO
Bruno Ferreira

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038

Parque Gráfico: 3891-6000, Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica **Gerência Industrial:** 3891-6002 **Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005
Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

Brasília: Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoas@odia.com.br

Classificados: 2532-5000/2222-8652/2222-8653/2222-8654/2222-8655/2222-8656 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.
Editora O DIA LTDA. Rua dos Inválidos 198, 2ª andar, Lapa- CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).